

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

A DOCÊNCIA E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EDUCATIVO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Teaching and the precarization of educational work in capitalist society

La enseñanza y la precarización del trabajo educativo en la sociedad capitalista

Priscila Carla Cardoso

Doutora em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação UNESP Rio Claro SP.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8005-5655>

E-mail priscila.cardoso@unesp.br.

Juliana Cavicchioli de Souza

Mestre em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação UNESP Rio Claro SP.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0580-0253>

E-mail juliana.cavicchioli@uol.com.br

Michele Cristina Pedroso Cecarelli

Doutora em Educação Programa de Pós-Graduação em Educação UNESP Rio Claro SP.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5837-5935>

E-mail mi_2u@yahoo.com.br

Como citar este artigo:

CARDOSO, Priscila Carla; CAVICCHIOLI, Juliana de Souza; CECARELLI, Michele Cristina Pedroso. A docência e precarização do trabalho educativo na sociedade capitalista. In **Revista de Comunicação Científica – RCC**, maio/ago., vol. I, n. 15, p. 72-84, 2024.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 15 (2024)

ISSN 2525-670X

A DOCÊNCIA E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EDUCATIVO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Teaching and the precarization of educational work in capitalist society

La enseñanza y la precarización del trabajo educativo en la sociedad capitalista

Resumo

Este artigo é resultado de estudos teóricos sobre o trabalho docente na perspectiva marxiana e tem como objetivo evidenciar e discutir distorções e peculiaridades decorrentes da precarização do trabalho educativo em uma sociedade neoliberal, corroborando para reflexões sobre alienação no exercício da docência. Para tanto, foi realizado um ensaio teórico a partir dos conceitos de trabalho e alienação com a intenção de revelar a importância do trabalho educativo no processo de humanização, problematizando o cenário atual em que a atividade docente se apresenta submetida às práticas neoliberais tornando-se mão de obra precarizada, substituível e em favor de uma proposta de educação contrária à formação humana e favorável à reprodução de sujeitos a serviço do capital.

Palavras-chave: Docência. Precarização do trabalho. Alienação. Capitalismo.

Abstract

This article is the result of theoretical studies on teaching work from a Marxian perspective and aims to highlight and discuss distortions and peculiarities arising from the precariousness of educational work in a neoliberal society, supporting reflections on alienation in teaching. To this end, a theoretical essay was carried out based on the concepts of work and alienation with the intention of revealing the importance of educational work in the humanization process, problematizing the current scenario in which teaching activity is submitted to neoliberal practices, becoming a hand of precarious, replaceable work and in favor of an education proposal contrary to human formation and favorable to the reproduction of subjects in the service of capital.

Keywords: Teaching. Precariousness of work. Alienation. Capitalism.

Resumen

Este artículo es resultado de estudios teóricos sobre el trabajo docente desde una perspectiva marxista y tiene como objetivo resaltar y discutir distorsiones y peculiaridades derivadas de la precariedad del trabajo educativo en una sociedad neoliberal, sustentando reflexiones sobre la alienación en la enseñanza. Para ello, se realizó un ensayo teórico fundamentado en los conceptos de trabajo y alienación con la intención de revelar la importancia del trabajo educativo en el proceso de humanización, problematizando el escenario actual en el que la actividad docente se ve sometida a prácticas neoliberales, convirtiéndose en una mano de trabajo precario, reemplazable y a favor de una propuesta educativa contraria a la formación humana y favorable a la reproducción de sujetos al servicio del capital.

Priscila C. Cardoso, Juliana Cavicchioli de Souza e Michele C. P. Cecarelli



Palabras clave: Enseñando. Precariedad del trabajo. Alienación. Capitalismo
Introdução

Para que possamos falar sobre o trabalho docente numa perspectiva materialista histórico-dialética é necessário debruçar sobre os conceitos de trabalho e alienação trazidos por Marx. Só assim será possível compreender a ação educativa na sua totalidade e o papel fundamental do professor nesse processo.

Para Marx (2004) é por meio do trabalho que se dá o processo de humanização. Por esse motivo, a categoria trabalho ocupa um lugar central em suas obras e é considerada uma categoria ontológica fundamental, pois segundo o autor não há como existir uma sociedade sem o trabalho, sendo, portanto, a existência humana definida por meio do trabalho. Nas palavras de Saviani (2012, p. 20),

O que faz do indivíduo um ser genérico, isto é, um representante do gênero humano, é a atividade vital, a qual é definida por Marx como aquela que assegura a vida de uma espécie. No caso dos seres humanos, sua atividade vital, que é o trabalho, distingue-se daquelas de outras espécies vivas por ser uma atividade consciente que se objetiva em produtos que passam a ter funções definidas pela prática social.

Portanto, na perspectiva marxiana, o trabalho é o ponto de partida do processo de humanização (Lukács, 1979). Entretanto, conforme aponta Martins e Eidt (2010), quando realizado em uma sociedade capitalista, inevitavelmente, trará em seu bojo a marca da alienação, ou seja, uma dissociação entre o homem e sua própria espécie; e sendo, inclusive, um dos elementos característicos de uma sociedade organizada a partir do modo de produção capitalista.

A alienação tem origem na divisão social do trabalho e na propriedade privada dos meios de produção, sendo definida de maneira ampla como: “[...] um processo de distanciamento e de conflito entre a riqueza material e intelectual do ser humano e a vida de cada pessoa”. (Martins & Eidt, 2010, p. 677). A alienação econômica, por sua vez, é a base para as demais formas de alienação existentes no modo de produção capitalista, e suas consequências vão desde a cisão entre o trabalhador e o produto de seu trabalho até a dissociação entre o homem e sua própria espécie (Marx, 2004).

Isso significa que, em condições alienantes, o trabalho não se constitui em uma atividade humanizadora conforme categorizado por Marx, mas em uma atividade externa, que deforma o indivíduo. Se levarmos em consideração a relação dialética

entre trabalho e consciência podemos dizer que a divisão social do trabalho, bem como a propriedade privada, também produz, historicamente uma estruturação de consciência cindida, em que o significado social está separado do sentido da ação (Leontiev, 1978). Em outras palavras, na sociedade capitalista, o que determina o sentido da atividade não é sua utilidade social, mas a lógica econômica de reprodução do capital.

Quando falamos em propriedade privada, nos referimos não só ao âmbito econômico, mas também à “apropriação privada da cultura material e intelectual produzida coletivamente e que deveria constituir-se em patrimônio de todos os seres” (Duarte, 2004, p. 60). Isso significa que apenas uma parcela da população tem acesso ao conhecimento em sua máxima potencialidade, condição a priori para o processo de humanização; o que gera desigualdades entre os homens, as quais ultrapassam as dimensões das desigualdades econômicas. A partir de práticas neoliberais passam a ser comercializados e mercantilizados serviços, ideias e conhecimento, e sustentadas práticas de privatização. A educação, nesse sentido, ganha *status* de produto, passando a ser vendida enquanto mercadoria.

É a partir destas considerações que este artigo se propõe a evidenciar e discutir as distorções e peculiaridades da precarização do trabalho educativo em uma sociedade neoliberal, visto que, neste cenário a atividade do professor se apresenta submetida ao modo de produção capitalista, uma vez que, se torna necessário 'produzir' professores alienados e relações estranhadas com a atividade precípua da escola: a socialização do conhecimento historicamente acumulado. O trabalho docente se torna mão de obra precarizada, substituível e em favor de uma proposta de educação contrária à formação humana e favorável à reprodução de sujeitos a serviço do capital.

Precarização do trabalho docente e os desafios do trabalho educativo no neoliberalismo

Para Saviani (2015), a educação está situada na categoria de trabalho não material. Como parte do processo de produção da existência humana, implica na

garantia da subsistência material por meio da produção de conhecimentos, ideias, conceitos, valores, símbolos, entre outros.

A partir daí, é possível compreender a importância do trabalho educativo, que é, ao mesmo tempo, uma atividade que produz e reproduz o indivíduo enquanto ser humano, reproduzindo a própria genericidade humana (Duarte, 2007), pois o conhecimento sistematizado, científico, possibilita a ampliação da consciência e alimenta a capacidade de questionar e confrontar o senso comum. Nessa mesma perspectiva Oliveira (1995, p. 125) afirma,

Se o ser humano é histórico, se a essência do ser humano é a historicidade, o ser humano, para formar-se enquanto sujeito transformador da realidade social da qual ele é parte, precisa relacionar-se com essa realidade pela mediação da apropriação do conhecimento produzido.

O trabalho educativo, produz, direta e intencionalmente, em cada sujeito, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelos homens. Para tanto, os sujeitos precisam se apropriar dos elementos culturais historicamente acumulados, sendo o objetivo da educação identificar tais elementos e buscar formas mais efetivas de alcançá-lo (Saviani, 2015).

Por este motivo, Severino (2000) afirma que a educação deve ser entendida como uma prática, técnica e política ao mesmo tempo, atravessada por intencionalidade teórica. Portanto, se a educação tem como propósito fundamental o processo de humanização é necessário que ela se torne uma atividade mediadora importante, para a construção das mediações mais básicas, de modo que estas últimas se efetivem em suas condições objetivas reais para apropriação do conhecimento em sua máxima potencialidade.

Entretanto, em uma sociedade organizada a partir do sistema capitalista - mundialmente dominante - que se utiliza de práticas e fundamentos ideológicos neoliberais que têm como estratégia político-econômica responder e administrar uma das crises metabólicas do capital, o Estado assume a sua forma mínima no que se refere a investimentos no âmbito das políticas sociais, sendo a educação uma delas:

a escola permanece formando mão-de-obra para a nova organização do trabalho, mas agora contando com financiamento cada vez mais restrito do Estado e inserção de fontes alternativas privadas de financiamento (Costa et al, 2009, p.8).

Com a entrada de investimento do setor privado (cada vez maior), a educação vai perdendo sua função social no processo de humanização e a escola vai se configurando como instituição cujo principal objetivo é formar trabalhadores para se adequarem à demanda do mercado. Em outras palavras, a instituição escolar, sob a ótica utilitarista, vem se distanciando cada vez mais das atividades ligadas à socialização do saber sistematizado, à ciência, à tecnologia, ao pensamento e à arte (Costa, 2013).

Para Costa (2013, p. 12),

a escola capitalista se caracteriza por sua centralidade na formação para o trabalho, seja a de tipo geral, integral, básica, seja a profissionalizante, pois se ocupa em ensinar a disciplina necessária na organização laboral peculiar àquele modo de produção, desde as fases mais precoces do processo de escolarização.

A lógica de funcionamento do *fast food* é trazida para escola, denominada como *mcdonaldização*, na medida em que propõe a seguir as formas predominantes de reestruturação educacional colocadas pelas administrações neoliberais. O sistema educacional tende a ser pensado e reestruturado segundo o modelo produtivista e empresarial, na medida em que o neoliberalismo considera que em ambos (escola e empresas *fast food*) devem ser produzidas de forma rápida, seguindo a normas de controle de eficiência e produtividade (Gentili, 1996).

Assim, medidas são adotadas com o objetivo de "transformar a escola em 'empresa' sob a inspiração do programa de qualidade e produtividade, adaptando-a ao mercado. Para tanto, não há aumento de verbas, apenas alocação de recursos para melhores resultados" (Neto, 2009, p.18).

Segundo Costa et al (2009, p. 8), há nessa conjuntura, uma desintegração da atividade precípua da escola e o desmonte do ensino público,

Podemos afirmar que a crise e a agonia da escola pública estão sendo gerada a partir do Estado capitalista, que de forma cada vez mais despudorada assume condição de instrumento da acumulação privada de capital, principalmente o financeiro, ratificando seu caráter privado.

A educação se transforma em mercadoria e a organização do trabalho educativo é ditado pela lógica de mercado. Esse processo traz uma consequência inevitável: a alienação do professor-trabalhador. O professor que a princípio é "o

Priscila C. Cardoso, Juliana Cavicchioli de Souza e Michele C. P. Cecarelli



intelectual que exerce profissionalmente o ensino - atividade-fim da escola" (Costa, 2009, p.59), que tem o papel de mediador entre os alunos e o conhecimento, o que torna possível a luta contra a opressão e a exploração, é submetido, nesta lógica, a uma prática profissional cada vez mais fragmentada e, conseqüentemente alienada. Agora, ele deve se enquadrar a uma escola pautada pela lógica das relações mercantis.

Segundo Costa (2009, p. 65), "os professores são vistos socialmente como meros funcionários da escola [...]", e observada a conjuntura internacional, a tendência apresentada é de desvalorizá-los ainda mais, ao mesmo tempo em que se deposita nele uma expectativa irreal de mudança social de maneira individual (Costa, 2009).

Fernandes Neto (2009, p. 38) compreende que "o professor e os demais profissionais da educação são vítimas do plano neoliberal", já que a política neoliberal, sempre visando conter custos, impõe ao profissional da educação condições de trabalho precárias e distanciadas da formação inicial do docente.

Para Venco (2016), a implementação de uma lógica oriunda do setor privado no setor público tem resultado na precariedade das relações de trabalho e na degradação das condições de trabalho. Na perspectiva do capitalismo - e também na nova gestão pública - a flexibilização da contratação do professor para o trabalho docente aparece como uma alternativa para a oferta de serviços, transformando o seu trabalho em trabalho precarizado, através de contratos que, conseqüentemente, precarizam as condições de vida dos trabalhadores, que necessitados de seus salários para a própria subsistência se submetem a tais condições (Venco, 2016).

Essas transformações do/no trabalho docente configuram-se como reflexo da aplicação do plano de ajuste neoliberal no ensino, colocado em prática desde a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), cuja proposta era combater a crise crônica da educação - expressa nos mais de 20 milhões de pessoas analfabetas, no alto índice de evasão e repetência escolar (Fernandes Neto, 2009).

Venco (2016) observa, entretanto, que tais medidas adotadas pelo Estado desconsideram a qualidade da educação pública e a valorização do magistério. Isso fica evidente se considerarmos as políticas vigentes (im)postas ao trabalho docente, que vão desde os contratos temporários, à "unificação do currículo", que define os conteúdos a serem desenvolvidos, e a forma como devem ser aplicados, engessando

o trabalho do professor e cerceando sua autonomia. Em pesquisa realizada a autora relata:

As constatações referentes aos processos de sofrimento e adoecimento encontradas nas pesquisas qualitativas foram inúmeros. Entre os professores precários, para além de vivenciar situações de instabilidade financeira dada a temporariedade dos contratos, devem ministrar conteúdos díspares da sua formação. Tal dimensão pode ser observada por meio de um dos entrevistados, graduando do segundo semestre do curso de Língua Inglesa, relatando o grau de ansiedade e angústia ao precisar enfrentar a escola (Venco, 2016, p.85)

Outro aspecto importante em relação à qualidade da educação também é ressaltado por Fernandes Neto (2009): a tentativa de culpabilizar o professor, favorecendo o Estado e eximindo-o de suas responsabilidades sob as políticas educacionais vigentes.

Nesse sentido, a lógica do sistema capitalista é considerada pelos autores (Costa, 2009; Fernandes Neto, 2009; Venco, 2016) como alienante; seja pelas condições de trabalho do professor ou pelos alunos que não têm, de fato, uma educação integral visando à formação humana.

Por isso, o debate acerca do trabalho docente é considerado de extrema importância, já que além de serem atribuídos ao professor o sucesso e o fracasso da educação, “a desconsideração das condições objetivas de trabalho e da política educacional adotada se desprezadas levam ao esvaziamento do debate acerca da educação” (Rigolon & Venco, 2013, p.13).

Sampaio e Marin (2004) relatam, neste mesmo sentido, que no Brasil os problemas ligados à precarização do trabalho escolar não são recentes, mas estão cada vez mais crescentes e constantes, refletindo nas condições precárias de trabalho, tais como:

condições de formação e de trabalho dos professores, as condições materiais de sustentação do atendimento escolar e da organização do ensino, a definição de rumos e de abrangência do ensino secundário e outras dimensões da escolarização, processo esse sempre precário, na dependência das prioridades em torno das políticas públicas. (Sampaio & Marin, 2004, p. 1204).

Segundo as autoras este modo de organização capitalista de escola vai destituindo o lugar do conhecimento e da reflexão, “empobrecendo mais o seu já pobre

trabalho” (Sampaio & Marin, 2004, p. 1222), a medida em que as condições econômicas e sociais incidem sobre a escola e o trabalho do professor os tornam frágeis e são insuficientes.

Diante de tamanha precarização, tendo condições mínimas de trabalho, a preocupação do docente acaba sendo apenas o momento imediato. O seu real e mais importante papel, a formação do indivíduo-educando-concreto, é colocado em segundo plano.

É nesse sentido que Duarte (2007) problematiza a alienação da atividade do educador. Segundo o autor a atividade pode se tornar apenas um modo de satisfazer a necessidade de existência do professor ao invés de ser aquela atividade pela qual se reproduz a níveis mais elevados enquanto indivíduo pertencente ao gênero humano. Nesse caso o professor reproduz objetivações em si, estruturadas apenas no conhecimento cotidiano, não entendendo muitas vezes seu papel de formação da genericidade humana (Duarte, 2007).

Sobre isso, Oliveira (1995) menciona a contradição da sociedade capitalista como elemento importante a ser analisado. Afirma que a educação deve ser vista como atividade mediadora, inserida de forma contraditória na organização social. Ainda que o trabalho educativo esteja voltado para reprodução de uma sociedade capitalista, a possibilidade de efetivação das máximas potencialidades de formação do indivíduo aponta, contraditoriamente, para necessidade de luta contra a reprodução limitada à inserção do indivíduo na divisão social do trabalho (Duarte, 2007).

É dessa relação dialética e contraditória que surge a possibilidade de transformação social. Daí a potencialidade contraditória do trabalho numa sociedade que tem como modo de produção o capital:

Assim, constata-se que o trabalho, condição primária para a humanização do ser social, encerra, na mesma medida, as possibilidades para a sua desumanização; porém a identificação da dialeticidade dessa constatação, pela qual se evidencia a potencialidade contraditória do trabalho, é condição para sabê-lo como único meio para afirmação de humanidade e, ao mesmo tempo, ferramenta central para a negação de sua própria negação, isto é, para a abolição das estruturas e instituições que o convertem em alienação (Martins & Eidt, 2010, p.677/678).

Sendo assim, cabe ao trabalho educativo o compromisso com a formação humana. Para além da aparência e de uma mera transmissão de conteúdo, o seu propósito deve, fundamentalmente, desvendar as questões ideológicas de sua própria atividade, a fim de evitar a reprodução dos ideais e da sociedade capitalista. O trabalho educativo deve se configurar como um lugar potencial de transformação social, além de contribuir para a quebra do ciclo alienante do nosso modelo de sociedade (Severino, 2000).

Daí sua importância como mediador entre o cotidiano e o não cotidiano, já que as objetivações para-si são produzidas com base nos âmbitos não cotidianos da atividade social (Duarte, 2007).

Portanto, não se deve ignorar o lugar e o papel da educação em uma sociedade capitalista. Este é o único caminho para buscarmos condições para a concretização de um trabalho docente desalienante. Nesse sentido, que Cardoso (2007) argumenta que é necessário compreender o limite possível da resistência, uma vez que a escola está inserida dentro de um modelo de sociedade que prioriza a manutenção da ordem vigente. Isso não significa que a transformação seja algo irrealizável, mas certamente há muitos limites colocados.

Considerações finais

Ao longo do artigo é possível notar que o projeto do neoliberalismo para educação é de um trabalho enquanto atividade alienada, voltado para a manutenção e reprodução do sistema capitalista; sendo que, neste projeto a precarização do trabalho docente se apresenta, portanto, como uma das principais características.

A imposição do trabalho docente alienado pode ser considerada uma estratégia do sistema neoliberal, que não pretende proporcionar condições concretas para o desenvolvimento da consciência humana. Isso porque a educação escolar no sistema capitalista tende a ser destinada para a formação de sujeitos que operem a favor da lógica do mercado; ou seja, nada tem a ver com a formação humana. As condições materiais para a realização da atividade docente são, para grande parte dos professores brasileiros, precárias, o que reflete na falta de condições concretas para efetivação de uma atividade voltada para uma educação para formação humana.

Priscila C. Cardoso, Juliana Cavicchioli de Souza e Michele C. P. Cecarelli



Sabendo que o sistema molda e interfere diretamente na atuação do professor, e que esse se torna um estranho na relação com o próprio trabalho, na relação com alunos aos quais propõe socializar o conhecimento historicamente acumulado, bem como na relação consigo mesmo e com mundo, o professor se torna um indivíduo-trabalhador-alienado, impossibilitado de promover condições facilitadoras para que todos tenham acesso a apropriação do conhecimento. E tais condições são essenciais para a concretização dos processos de humanização, visando a emancipação humana.

A lógica do sistema é, por si só alienante, e lutar contra ela é um desafio e uma necessidade urgente. Sendo assim, a tomada de consciência dos professores e, a partir daí, a resistência destes por meio da luta contra o sistema capitalista, podem ser apontadas como possibilidades para transformação dessa realidade.

Nesse sentido, o educador deve ter clareza da importância de seu papel no processo educativo, pois diferente de alguns tipos de trabalho em que a alienação do trabalhador não prejudica a qualidade do produto, neste caso poderá contribuir para a formação de um indivíduo alienado. Afinal, o processo pedagógico implica não somente na formação do educando, mas também no próprio processo de desenvolvimento do educador; por esse motivo, o educador deve estabelecer uma relação consciente com seu trabalho, compreendendo o seu papel e compromisso com a formação humana.

A luta efetiva contra as políticas neoliberais se constitui como um desafio enorme e complexo, na medida em que os defensores do neoliberalismo impõe seus argumentos como verdades. Segundo Gentili (1996), é necessário desarticulá-los através da construção de uma nova sociabilidade, capaz de dar sustentação material e cultural a uma sociedade democrática e igualitária.

Entretanto, é essencial compreender que o enfrentamento não pode acontecer desconsiderando as condições que os determinam. É sabido que as políticas educacionais, muitas vezes, se apropriam inadequadamente de discursos e conhecimentos teóricos transformando-os em instrumentos para manutenção da ordem vigente, o que dificulta a possibilidade de criar espaços para reflexão crítica das práticas educacionais a fim de construir, juntamente com os docentes, possibilidades de transformação do trabalho docente e do cotidiano escolar. Por isso, é necessário lutar contra a precarização do trabalho educativo e os processos

alienantes aos quais os docentes estão submetidos, pois somente com o fortalecimento do trabalho educativo será capaz de se pensar uma educação que de fato vise a formação humana.

Referências

CARDOSO, P. C. **A construção de identidade de adolescentes autores de atos infracionais durante suas trajetórias escolares**. 2017. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

COSTA, A; NETO, E.F.; SOUZA, G. **A Proletarização do professor: neoliberalismo na educação**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2.ed.144.p. 2009.

DUARTE, N. Formação do Indivíduo, Consciência e Alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 44-63, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 05 de março de 2015.

DUARTE, N. **Educação Escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 4ª Ed. Campinas: Autores Associados, 2007 (coleção polêmicas do nosso tempo, v. 55).

GENTILI, P. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA, T. T. da & GENTILI, P. (Orgs.). **Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. Brasília, DF: CNTE, 1996, p. 9-49.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LUCKÁCS, G. **Os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARTINS. L.M.; EIDT, N. M. Trabalho e atividade: categorias de análise na psicologia histórico-cultural do desenvolvimento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 675-683, out./dez. 2010.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

OLIVEIRA, B. O conceito de socialização e o desenvolvimento do indivíduo. **Revista Paulista de Psicologia e Educação**, Araraquara, ano 1, v. 1, n.1, p. 35-62, 1995.

SAMPAIO, M. M. F.; MARIN, A. J. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1203-1225, Set./Dez. 2004

SAVIANI, D. A Pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 25-46, dez. 2013.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e a especificidade da educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286-293, jun. 2015.

SEVERINO, A. J. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, 2000.

VENCO, S.B. PRECARIIDADES: desdobramentos da Nova Gestão Pública no trabalho docente. **Revista de Cultura Política**. v.6, n.1, p.72-90, nov. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/36341>. Acesso em: 1 mai. 2018.

VENCO, S.B.; RIGOLON, W. **Trabalho docente e precariedade: contornos recentes da política educacional paulista**. Comunicações: Piracicaba, ano 21, n. 2, p.41-52, jul-dez. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/comunicacoes/article/viewFile/1686/1320>. Acesso em: 01 mai. 2018.

Recebido: 03/02/2024

Aprovado: 14/03/2024

Publicado: 07/04/2024